

LIVRO 2

*Sob influência da Marca,
os desejos de Eva aumentam.
E Abel se aproxima demais...*

SYLVIA DAY

MARCA DA

DESTRUIÇÃO



SYLVIA DAY

MARCA DA

DESTRUIÇÃO



Tradução
CHICO LOPES

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © 2009, BY SYLVIA DAY

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2016

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **PATRICIA CALHEIROS**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **TAWS13 | ISTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Day, Sylvia

Marca da destruição / Sylvia Day ; tradução
Chico Lopes. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2016. —
(Série marked)

Título original: Eve of destruction

ISBN 978-85-62409-58-5

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

15-10105

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2016

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br



EVANGELINE HOLLIS DESPERTOU COM OS CHEIROS DO
Inferno — fogo e enxofre, fumaça e cinzas.

Suas narinas arderam em protesto. Ela ficou ali, imóvel, desejando que seu cérebro se ajustasse às circunstâncias. Ao umedecer os lábios, sentiu o gosto da morte, o amargor cobrindo tanto sua língua quanto sua boca numa grossa camada. Seus músculos se mexeram numa tentativa de se esticar, e ela gemeu.

Que diabos? A última coisa de que se lembrava era de...
... estar sendo queimada por um dragão até tostar.

O pânico a atacou com a lembrança, rapidamente seguido por uma guinada dos pensamentos para a plena consciência. Eva saltou como uma mola de onde estava deitada, sugando o ar com tanta força que se tornou audível. Ela piscou, mas apenas a negra escuridão preencheu sua visão. Sua mão se estendeu para tocar seu braço, e as pontas de seus dedos encontraram ali a marca saliente. A Marca de Caim — uma triquetra cercada por três serpentes, cada uma delas engolindo a cauda da anterior. O olho de Deus preenchia o centro.

A marca queimava toda vez que ela usava o nome do Senhor em vão — o que era frequente — e toda vez que mentia, o que era menos usual; mas de vez em quando, necessário. Quando lidava com os lacaios de Satã, jogar sujo nivelava os poderes em disputa.

Onde estou, porra? Em sua posição aprumada, o fedor da fumaça se amplificava no ar. Ela franziu o nariz.

Será que estou no Inferno? Como agnóstica de longa data, Eva ainda lutava com os conceitos de Deus, Céu, Inferno, almas... Nada disso podia ser explicado racionalmente.

Além do mais, se existisse um Deus misericordioso e um Céu, ela deveria estar lá. Eva fora amaldiçoada com a Marca de Caim havia apenas seis semanas, e ainda não recebera o treinamento adequado de como matar Demoníacos. Mas durante esse curto período erradicara uma infestação de tengus, matara um Nix e derrotara um dragão. Ela também interviria com sucesso numa enorme nova ameaça aos bons — uma espécie de invenção que permitia que os Demoníacos se escondessem por algum tempo sob o disfarce de meros mortais. *E* conseguira que Caim e Abel trabalhassem juntos pela primeira vez desde meninos.

Se nada disso fosse suficiente para salvar sua alma, Eva iria tentar a sorte com o Diabo. Talvez ele tivesse um senso de justiça mais apurado.

Com a mente lutando para se dar conta do presente, o som de uma cantiga penetrou no nevoeiro dos pensamentos de Eva. Ela não conseguiu entender uma palavra, mas era familiar mesmo assim. A língua era o japonês; a voz, a de sua mãe.

A ideia de compartilhar o Inferno com sua mãe era estranhamente tão confortadora quanto assustadora.

As mãos de Eva se apertaram, hesitantes, testando a superfície lisa sob seu corpo, tentando discernir onde estava. Ela experimentou o cetim, como os lençóis de sua cama. Uma brisa fria tocou sua testa, e a sua visão explodiu em cores vivas. Eva foi sacudida pela surpresa de maneira violenta.

Estava em seu quarto, sentada em sua cama *king-size*. Como se seus sentidos houvessem sido silenciados, a batida firme das ondas na praia de Huntington Beach aumentara em volume. O ritmo tranquilizante se infiltrou pelo vestíbulo do terraço de sua sala de estar e trouxe um alívio bem-vindo.

Lar. Quando sua tensão se dissipou, os ombros de Eva relaxaram. Depois, teve um vislumbre pelo canto do olho que fez com que virasse a cabeça.

Erguendo os braços para proteger a vista da luz ofuscante, ela mal distinguiu a silhueta de um homem alado se erguendo no espaço entre as portas de seu armário de pinho descorado e sua cômoda. Eva afastou uma camada insolitamente espessa de lágrimas. Arriscou outro olhar para o anjo e descobriu que, mais uma vez, os realces de sua marca sabiam o que fazer quando ela não sabia. Seus braços se abaixaram. Eva podia vê-lo de maneira nítida agora.

O anjo era alto, com braços e pernas musculosos expostos por uma vestimenta sem mangas, semelhante a um manto, até a altura dos joelhos. O traje era branco e acinturado por um trançado castanho. As botas de combate pretas, com ferrões agressivos de alto a baixo, eram uma surpresa, bem como a perfeição absurda de suas feições. Seu queixo era quadrado e audaz, seu cabelo, escuro e preso numa trança desde a nuca. Suas íris reluziam como chama azul, e ele tinha uma expressão que a advertia de que devia manter distância.

O olhar dele baixou para o peito dela. Eva o imitou. Estava nua.

— Epa! — Agarrando a ponta do lençol, ela o puxou até o pescoço.

Miyoko Hollis, a mãe de Eva, apareceu à porta, com o rosto escondido pela montanha de roupas trazidas da lavanderia.

— Ei, você está acordada! — ela bradou, a voz temperada com um sotaque japonês.

— Suponho que sim. — Eva ficou tão feliz por ver a mãe que seus olhos arderam. — É muito bom vê-la.

— É, você diz isso agora. — Andando decidida em direção à cama com o passo ágil de uma enfermeira aposentada, Miyoko era um redemoinho compacto de energia, um furacão que sempre deixava sua filha exausta. — Você não moveu um músculo sequer por um bom tempo. Quase achei que estivesse morta.

Eva *estivera* morta mesmo, esse era o problema.

— Que dia é hoje?

— Terça-feira.

Outro cheiro desagradável penetrou suas narinas, e Eva agitou a mão diante do rosto. Seu olhar descobriu a origem do aroma sobre a cômoda — uma varinha de incenso.

— Seja qual for essa fragrância — Eva resmungou, calculando que perdera dois dias de sua vida —, ela é bem ruim.

Miyoko foi até a ponta da cama e atirou a pilha de roupas ainda quentes sobre o acolchoado. Ela usava pijama Hello Kitty — calça de flanela cor-de-rosa e uma camiseta que tinha uma enorme cara da personagem na frente. Com seu cabelo preto preso em um rabo de cavalo e seu rosto irregular, parecia mais uma irmã que a mãe de Eva. Miyoko também agia como se fosse a dona do lugar, embora não fosse. Darrel e Miyoko Hollis moravam em Anaheim — terra da Disneylândia da Califórnia, e da infância de Eva. Ainda assim, toda vez que sua mãe a visitava, ela se flagrava lutando por sua casa como uma fêmea alfa em seu próprio território.

Eva observou a mãe passar pelo anjo sem sequer piscar. Ereto, com os braços cruzados, pernas bem abertas e asas dobradas, ele era impossível de ignorar...

A menos que não pudesse vê-lo.

— A aromaterapia ajuda na cura — Miyoko afirmou.

— Não quando cheira como merda. E por que está lavando minhas roupas outra vez? Eu gostaria que você apenas relaxasse quando viesse para cá.

— Não é merda. É camomila e jasmim. E estou lavando sua roupa porque estava empilhada. Não consigo relaxar numa casa bagunçada.

— Minha casa nunca está bagunçada.

Miyoko lavava as roupas toda vez que a visitava, a despeito do fato de que uma Eva de vinte e oito anos era perfeitamente capaz de lavá-las ela mesma. Não importava quão imaculado seu apartamento pudesse estar, sua mãe o limpava — rearranjando tudo a seu gosto no processo.

— Estava sim — Miyoko contrapôs. — Você tinha uma cesta abarrotada de roupas junto à máquina de lavar e uma pia cheia de pratos sujos.

Eva apontou para as cuecas, as camisas masculinas e as toalhas na pilha.

— Essas roupas não são minhas. E os pratos, muito menos.

Eva ficou pensando no que sua mãe faria se soubesse que lavava as roupas de Caim e Abel. Os irmãos atendiam pelos nomes de Alec Caim e Reed Abel agora, mas ainda eram os mesmos da lenda bíblica.

— Alec vem usando todas as toalhas e deixando suas roupas no chão do banheiro. — O tom de Miyoko era nitidamente repreensivo.

Nenhum homem era bom o bastante para Eva. Todos tinham algum defeito, não importava o quão pequeno fosse, aos olhos de sua mãe.

— E tanto ele quanto seu chefe pegam novos copos toda vez que se servem de uma bebida.

— Alec mora ao lado. Por que não vai bagunçar seu próprio canto?

— E você pergunta isso para mim? — Miyoko rugiu. — Eu ainda não sei por que Reed passa tanto tempo aqui. Não é natural. Ou por que seu namorado é executivo de uma corporação como as Indústrias Meggido, mas nunca o vi usando paletó e gravata.

A ideia de Alec usando roupa social fez Eva sorrir.

— Quando você é chefe de um lugar e é bom nisso, pode usar o que quiser. — Eva se esticou cautelosamente, e estremeceu com a persistente moleza em sua espinha. Depois, berrou: — Alec!

— Não grite!

— É a minha casa, mãe.

— Homens não gostam que gritem com eles.

— Mãe... — Eva soltou um suspiro de frustração. — Por que você se importa, de qualquer modo? Ele deixa as toalhas no chão do banheiro.

Isso era algo que também irritava muito Eva, mas ela não achava que tal atitude tornasse um homem inapropriado para um casamento.

— É falta de consideração — Miyoko se queixou. — E de higiene.

Eva deu uma olhada para o anjo, embaraçada por ele testemunhar a discussão. Seu olhar ardente fixou-se no dela, depois franziu o nariz.

— Mãe! — O tom de Eva soou mais urgente. — Leve esse incenso embora, por favor. Estou falando sério. Ele fede.

Miyoko resmungou, mas apagou a varinha.

— Você não é fácil.

— E você é teimosa, mas eu a amo mesmo assim.

— Está acordada — Alec interrompeu, entrando pela porta aberta do quarto. Encarou Eva com expressão insondável, seu olhar dardejando em sua direção à procura de alguma causa para preocupação. — Você me assustou, anjo.

Anjo. Era um apelido íntimo que apenas Alec usava. Toda vez que Eva o ouvia, seus dedões dos pés se enroscavam. A voz dele era suave como veludo e capaz de transformar a leitura de *Uma breve história do tempo* de Hawking numa experiência de gozo sexual.

Usando uma bermuda e camiseta branca, ele parecia mais excitante do que a maioria dos homens de *smoking*. Seu cabelo escuro era um pouco longo demais, e seu andar revelava um tanto de arrogância, mas não importava o que vestisse ou o quão displicentemente se movesse, ele parecia alguém que ninguém desejaria irritar. Era o caçador, o predador que havia nele. Alec matava para viver, e se destacava nisso.

Ele foi o motivo pelo qual ela fora marcada e era também o seu mentor.

Seu irmão Reed entrou no quarto atrás de Alec. Suas feições eram semelhantes o bastante para denunciar sua condição de irmãos, mas no resto eles eram tão diferentes quanto noite e dia. Reed preferia ternos Armani e cortes de cabelo rentes. Nesse dia usava calça cinza-grafite e camisa social preta aberta no pescoço e arregaçada nos punhos. Ele era seu superior.

Cada Mercado tinha um treinador, um mal'akh — um anjo — diretamente responsável por designar suas metas. Reed uma vez comparara o sistema de marcas ao sistema judicial. Os arcanjos eram os fiadores, Reed, o despachante, e Eva, uma caçadora de recompensas. Ela não era uma caçadora muito boa... ainda. Mas estava aprendendo e tentando.

Enquanto isso, Reed era responsável pelas suas missões e por assegurar periféricamente a sua segurança. Como seu mentor, a única responsabilidade de Alec — sob circunstâncias habituais — era mantê-la viva. Porém, Deus não tivera vontade de perder os talentos de seu mais estável e poderoso agente. Alec rompera um trato para estar com ela, e o resultado era que Reed passara a ter mais responsabilidade no tocante a Eva. Considerando a inflamada animosidade entre os dois irmãos, a coisa não ia muito bem.

— Bem-vinda de volta à terra dos vivos, srta. Hollis. — Reed esboçou seu sorriso arrogante, mas seus olhos escuros tinham uma incerteza que Eva achou enternecedora.

Ele não imaginava o que fazer com seus sentimentos por Eva. Já que estava numa relação com seu irmão, ela não podia ajudá-lo com isso. Eva, por sua vez, tentava não pensar nos seus sentimentos por Reed. Eis uma situação muito complicada. Sua vida já era um desastre de proporções bíblicas.

Os homens avistaram o anjo no canto. Ele permaneceu imóvel, e os dois irmãos fizeram uma ligeira mesura em sua direção.

Por estar ocupada demais em olhar ferozmente para a filha, Miyoko não notou o gesto. Eva usava seu trabalho de decoradora como uma desculpa para as visitas frequentes de Reed. Até onde sua família sabia, ela trabalhava em casa quase todos os dias, e se Reed quisesse ver como estava o andamento do trabalho, dar uma passada por lá seria o melhor meio para isso. Mas Miyoko não acreditava na mentira. Para ela, todos os decoradores masculinos eram gays, e Reed não era gay, de jeito nenhum. Eva não fazia a menor ideia do que acontecia na cabeça de sua mãe, mas tinha ciência de que a óbvia animosidade entre os dois irmãos era alimento para suspeitas.

O sorriso de Alec aqueceu-a por dentro.

— Como se sente?

— Com sede.

— Vou lhe trazer um pouco de água gelada — Reed ofereceu.

Eva sorriu.

— Obrigada.

Alec se curvou e colou os lábios na testa de Eva.

— Com fome?

— Uma banana cairia bem. — Ela apertou-lhe o pulso antes que ele pudesse se afastar. — Eu tive um sonho. Um pesadelo. Fui morta por um dragão.

— Seu subconsciente está tentando lhe dizer alguma coisa — Miyoko interrompeu. — Mas você não poderia ter sonhado que morreu. Ouvi dizer que, se alguém morre em seus sonhos, acontece o mesmo na vida real.

— Eu acho que isso é um mito.

— Não há meio de saber. — Miyoko dobrava as roupas. — Se isso acontecesse com você, estaria morta e não poderia nos contar.

Alec sentou-se na beira da cama, observando Eva com um olhar alerta. Ele sabia que ela não podia dizer o que de fato desejava enquanto a mãe estivesse ali.

— Acabou agora — ele a tranquilizou. — Você está segura.

— Foi tão real... Não entendo como estou sentada aqui neste momento.

— Conversaremos mais tarde, depois que você tiver se alimentado. — Alec apertou a mão dela. Sua expressão tinha a doçura que ele demonstrava apenas para Eva. — Deixe-me ir buscar uma banana para você.

**EM BREVE, O TERCEIRO LIVRO DA SÉRIE:
MARCA DO CAOS**

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
LIS GRÁFICA EM JANEIRO DE 2016